




Trabalho, tempo livre e aposentadoria: categorias coexistentes na velhice

Work, free time and retirement: coexisting categories in old age

Trabajo, tiempo libre y jubilación: categorías coexistentes en la vejez

Lorena Ibiapina Gurgel^a ; Adriana de Alencar Gomes Pinheiro^b ; Kalyana Cristina Fernandes Queiroz^c ; Francisco Wellington Sousa Babosa Júnior^d ; José Clerton de Oliveira Martins^e 

^a Doutora e mestre em Psicologia (UNIFOR). Graduanda em Psicologia (UNIFOR). Especialização em Turismo e Meio Ambiente (UECE). Graduada em Turismo e Hotelaria. Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil – E-mail: lonena_@hotmail.com

^b Doutora e mestre em Psicologia (UNIFOR). Graduada em Psicologia (UNIFOR) e Ciências Sociais (UNICAP). Especialização em Psicodiagnóstico (UFC), Psicopedagogia (UFC), Neuropsicologia (CFP) e Psicologia Organizacional e do Trabalho (CFP). Professora, pesquisadora e coordenadora do curso de Psicologia da Faculdade Paraíso do Ceará (FAP). Coordenadora do Núcleo de estudos e pesquisas em Subjetividades, bioética e políticas públicas (Nesbpop). Membro fundadora da Associação Brasileira do Ensino em Psicologia (ABEP). Faculdade Paraíso do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil – E-mail: adrianaagp.psi@gmail.com

^c Doutora em Psicologia. Mestre em Psicologia. Especialista em Psiquiatria e Saúde Mental. Especialista em Docência do Ensino superior. Possui Licenciatura e Formação de Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e formação em Psicologia clínica hospitalar. Servidora Pública Municipal (Psicóloga - Coordenadora de Saúde Mental). Faculdade Católica do Rio Grande do Norte, Fortaleza, CE, Brasil – E-mail: kalyana@unp.br

^d Poeta. Graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Mestre em Literatura pela Universidade de Évora/Portugal. Doutorando em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro/Portugal. Membro do OTIUM - Laboratório de Estudos sobre Ócio, Trabalho e Tempo Livre, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR. Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil – E-mail: welligtonbjr@gmail.com

^e Doutor e mestre em Psicologia pela Universitat de Barcelona (Catalunya/Espanha). Pós-doutorado realizado em "Ocio y Desarrollo Humano" no Instituto de Estudos de Ócio da Universidade de Deusto (País Basco/Espanha). Pós-doutorado em Estudos Culturais realizado Universidade de Aveiro (Portugal). Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza. Membro Fundador da OTIUM - Asociación Iberoamericana de Estudios de Ocio. Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil – E-mail: jclertonmartins@gmail.com

Resumo: Trabalho e aposentadoria são temas recorrentes no cenário das pesquisas no Brasil, notadamente devido à elevação da expectativa de vida, que possibilitou aos indivíduos um tempo logo após a aposentadoria que necessita ser visto, compreendido e explorado. Este artigo objetiva discutir sobre três categorias que envolvem o idoso no séc. XXI - Trabalho, Tempo Livre e Aposentadoria – mediante desenvolvimento de pesquisa de natureza bibliográfica em livros e artigos correlatos ao assunto. Obteve-se que o trabalho pode ser compreendido de forma positiva e negativa e que a maneira como o idoso vive se reflete em uma aposentadoria com significados agradáveis ou desagradáveis - tempo livre que alguns até desejam, enquanto outros temem, pelo sentimento de inutilidade e abandono que suscita. Conclui-se que o estar aposentado no séc. XXI envolve uma gama de interpretações e o simbolismo individual desse tempo de forma peculiar, influenciado pela sua história de vida.

Palavras-chave: Aposentadoria. Tempo livre. Trabalho. Idoso.



Direito autoral e licença de uso: Este artigo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

Abstract: Work and retirement are recurring themes in the research scenario in Brazil, notably due to the increase in life expectancy, which allowed to individuals a time shortly after the retirement that needs to be seen, understood and exploited. This article aims to discuss three categories involving the elderly in 21st century - Work, Free time and Retirement – through development of bibliographical nature research in books and articles related to the subject. It was obtained that the work can be understood positively and negatively and that the way the elderly lives reflects on retirement with pleasant or unpleasant meanings - free time some even desire, while others fear, feeling of worthlessness and abandonment which raises. It appears the be retired in 21st century involves a range of interpretations and individual symbolism that rhythm of peculiar shape, influenced by his life story.

Keywords: Retirement. Free time. Work. Elderly.

Resumen: El trabajo y la jubilación son temas recurrentes en el escenario de las encuestas en Brasil, especialmente debido a la elevación de la expectativa de vida, que posibilitó a los individuos un tiempo poco después de la jubilación que necesita ser visto, comprendido y explotado. Este artículo objetiva discutir sobre tres categorías que involucran al anciano en el s. XXI - Trabajo, Tiempo Libre y Jubilación - mediante el desarrollo de investigación de naturaleza bibliográfica en libros y artículos relacionados con el tema. Se obtuvo que el trabajo puede ser comprendido de forma positiva y negativa y que la manera como el anciano vive se refleja en una jubilación con significados agradables o desagradables - tiempo libre que algunos incluso desean, mientras que otros temen, por el sentimiento de inutilidad y abandono que suscita. Se concluye que el estar jubilado en el s. XXI involucra una gama de interpretaciones y el simbolismo individual de ese tiempo de forma peculiar, influenciado por su historia de vida.

Palabras clave: Jubilación. Tiempo libre. Trabajo. Personas de edad avanzada.

Como citar o artigo:

GURGEL, L. I. et al. Trabalho, Tempo Livre e Aposentadoria: Categorias Coexistentes na velhice. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 52, 2018 DOI: 10.5007/2178-4582.2018.40310.

INTRODUÇÃO

Atualmente o ser humano vive por mais tempo, uma vez que a tecnologia e o avanço da ciência contribuiram para o aumento da perspectiva de vida. Atingir a faixa etária dos 60 anos de idade nos dias atuais significa, para muitos, o fim de um período de atividades formais de trabalho, e o início de uma nova etapa da vida que, se bem preparada e estimulada, pode revelar-se bastante promissora em termos de realizações, projetos, planos e sonhos.

Essa visão ressignificada da velhice contraria a compreensão do ser com mais de 60 anos, aceita por muitos anos, de alguém cujo fim está próximo, que se mostra incapaz para o trabalho e até, por força de sua condição de debilidade, para o desempenho das atividades da vida diária (AVDs), razão pela qual precisa ser estudado, como alerta Freitas (2011, p.20), para quem esse estudo do idoso deve se realizar inclusive em vários contextos.

O estudo em construção também se justifica por força da produção ainda tímida no âmbito das implicações sociais, econômicas, ambientais, para o lazer, entre outras, causadas pelas mudanças na estrutura etária como a que a população brasileira atravessa.

A temática do idoso interessa a todos e a complexidade que o rodeia torna o seu estudo ainda mais pertinente, uma vez que se trata de algo transversal a toda a sociedade, como um fenómeno natural da vida humana, não se restringindo a uma classe, gênero ou cultura.

Percebe-se a existência de diversas terminologias produzidas para definir os sujeitos de mais idade, a exemplo de terceira idade, maior idade, melhor idade, maturidade, velho e idoso. Numa primeira abordagem, poder-se-ia considerar que esses conceitos são sinônimos e constituem apenas vocábulos diferenciados para dizer a mesma coisa, mas uma observação cuidadosa pode revelar outras nuances, como: características, estereótipos e percepções subjetivas diferenciadas.

Nesta pesquisa, adotou-se o termo idoso para caracterizar o grupo social formado por pessoas que atingem ou ultrapassam os sessenta anos de idade, reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 1984), e o termo envelhecer para designar o processo de passagem do indivíduo pelos anos vividos, assinalando uma evolução cronológica.

Considera-se essa etapa natural do ciclo biológico da vida um momento inexorável da existência, ao qual todos estão sujeitos, cujo transcurso se reveste de possibilidades, a exemplo da aposentadoria, que reverte, entre outros benefícios, como mais tempo livre para que o idoso possa dedicar-se a novas atividades.

O advento da aposentadoria implica mudança substancial no cotidiano do idoso pela quantidade de tempo livre que acresce aos dias de quem se encontra liberado de suas obrigações laborais – são no mínimo oito horas adicionais, mais o tempo destinado ao transporte e a outras ações indiretas, ligadas à vida profissional (SILVA, 2003, p.8.).

Não obstante a aparente satisfação que a “liberdade” conquistada pelo recém-aposentado produz, há outras questões envolvidas nesse evento que requerem a adaptação gradativa do idoso a esse novo estágio de sua existência, abrangendo a apropriação desse bem para que possa percorrer novos caminhos rumo a ressignificação e reelaboração de suas atividades, sejam de repouso, recreação, divertimento, entre outras.

É interessante ressaltar que este artigo faz parte das discussões do Laboratório de Estudos Sobre Ócio, Trabalho e Tempo Livre – Otium, caracterizando-se como um estudo de cunho bibliográfico, realizado em livros e artigos já publicados no cenário nacional e internacional e integrando teses em processo de construção.

O material foi lido, analisado e as ideias obtidas por seu intermédio foram sendo agregadas, com o intuito de originar um texto coeso e coerente que constituísse uma base conceitual sólida sobre as categorias relativas à aposentadoria no século XXI – trabalho, tempo livre e aposentadoria.

Nesse contexto, este artigo possui como objetivo refletir e discutir três categorias que envolvem o idoso no século XXI – Trabalho, Tempo Livre e Aposentadoria, uma vez que estes

elementos perpassam o sujeito idoso, recorrendo-se aos conceitos, importância, aplicações, contextos históricos e interligações que as definem e caracterizam como tal.

ACERCA DO TRABALHO

A categoria trabalho se confunde com a própria história da humanidade, isso porque o homem precisava produzir bens de utilidades para o uso no dia a dia e até mesmo adereços, anunciando a sua habilidade criativa. O trabalho supõe a realização de atividades para um fim, pressupondo o emprego de esforço – seja ele físico e/ou intelectual – em sua materialização.

A história aponta, a partir da Antropologia, que os primeiros trabalhadores apareceram no período Paleolítico (6.000 a.C.), ocasião em que o homem aprendeu a burilar a pedra, a cerâmica, e a tecer as fibras animais e vegetais. Historiadores também apontam que o trabalho no Brasil surge nessa mesma época entre os povos indígenas. Eles empregavam seu tempo na arte da pintura, utilizavam os pigmentos naturais, produziam diversos objetos, como cestos e cerâmica; portanto, a arte das suas vestimentas, as tangas, os cocares e outras peças era produzida com matéria-prima extraída da natureza.

Segundo Sennett (2009, p. 318), a capacidade de trabalhar bem, produzir e participar de processos de trabalho acelerados está equitativamente distribuída entre os seres humanos; ela se manifesta inicialmente nos jogos e brincadeiras, sendo posteriormente colocada nas capacidades de localização, questionamento e abertura dos problemas no trabalho.

O trabalho pode ser identificado por diversas sociedades como erudito, popular e folclórico, revelando-se de várias formas, como nos trabalhos em couro, nas fibras vegetais (palha do milho), nas cerâmicas (barro), e em diversas tipologias que são criadas e reinventadas. Pode-se encontrar nas pinturas e desenhos primitivos seu registro ao longo do tempo, nas diversas expressões do homem marcadas na história. Uma das principais características do trabalho é a produção – que muitas vezes ocorre nas famílias –, na qual o trabalhador domina os meios de produção, as ferramentas e a oficina.

Marx (1983, p. 149) aponta que o trabalho é uma relação entre o homem e a natureza, “[...] um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza”. Compreende-se que o trabalho é de suma importância para a vida psicossocial do homem, assim como para as sociedades, que por seu intermédio também se desenvolvem e alcançam suas necessidades básicas.

Durante milênios o trabalho limitou-se a tão somente garantir a sobrevivência do homem. Este se servia da natureza sem alterá-la, não fazia uso de instrumentos específicos – apenas de seus braços e mãos. As pessoas foram levadas, pela máquina econômica capitalista, a refletir acerca do modelo

de ação e conduta psicossocial e estrutural imposto por ela. A economia capitalista vem desenvolvendo integralmente um sistema econômico e político que envolve os trabalhadores, consumindo principalmente o seu tempo livre.

Na concepção marxista, o homem tem a capacidade de produzir bens, de transformar a natureza para satisfazer suas necessidades, que podem ou não ser identificadas no trabalhador desta investigação, e essa capacidade assume grande importância à medida que a humanidade se dirige à contemporaneidade, visto que o modo como uma sociedade produz poderá diferenciá-la de outra.

Para Marx (1974), homens e mulheres construíam o seu ser mediante a execução de atividades produtivas, porquanto não existe natureza humana afirmativa, exceto a que é criada pelo trabalho. O trabalho não só transforma o meio ambiente com a construção de pontes sobre rios e o cultivo de planícies áridas, por exemplo, como também transforma o trabalhador, de um animal guiado por instintos para uma pessoa hábil, consciente e com objetivos (MARX apud CSIKSZENTMIHALYI, 2002, p. 204).

As ideias de Marx (2011) sobre o sistema capitalista apontam o trabalho como uma obrigação, que não pertence ao homem, é de outrem, que se apropria dele. Nesse caso, tudo que é produzido a partir do seu trabalho pertence ao capital. Nesse sentido, o trabalho aliena o homem numa relação exploratória, pois ele é obrigado a vender a sua força de trabalho em troca de uma remuneração.

Para Codo (1996), o modelo taylorista-fordista é que lançou as bases da administração do trabalho e estruturou cientificamente, com maestria, esses princípios. Para o autor, o trabalho, de natureza humana, só tem sentido quando a partir dele se produz alguma coisa a qual a sociedade atribui um valor de troca.

Dessa forma, o produto do trabalho do homem na transformação da natureza implicará sempre a produção de uma mercadoria a ser comercializada. No entanto, a representação do trabalho poderá ser compreendida pelos trabalhadores sob vários aspectos, inclusive no âmbito da subjetividade, desde que já esteja presente em si mesmo o seu significado.

Para Salis (2004, p 75), o trabalho era percebido na Antiguidade a partir de duas denominações, Erga e Douléia, a primeira identificando o trabalho criativo, emancipador, apontando a importância do ócio como forma de reinventar o cotidiano e fazer a vida mais prazerosa. A segunda, Douléia, se caracterizava pela imagem do sacrifício, do castigo, compreendido como lugar da sobrevivência humana, e sua execução era de caráter monótono e repetitivo, não criador, não prazeroso.

Acredita-se, então, que o trabalhador, em qualquer tempo histórico, pode realizar o seu trabalho em um espaço de aperfeiçoamento por meio de seu esforço criador, que destaca nele possibilidades de reinvenção no seu cotidiano, ainda que os tempos vivenciados na

contemporaneidade façam recair sobre ele uma cultura de apressamento que automatiza os homens e compromete o seu desempenho criador.

Por sua vez, o tempo liberado do trabalhador é muitas vezes compreendido por diversas pessoas como não fazer nada e até mesmo como ócio, do latim *otium*, que significa passeio, descanso, repouso, preguiça, ou ociosidade, do latim *otiositate*, que remete ao vício de se gastar tempo inutilmente, à preguiça.

No entanto, se faz referência ao tempo livre como ausência de qualquer atividade definida, principalmente no tocante a trabalho, como liberdade do trabalhador para não realizar coisa alguma. Dito de outro modo, define-se tempo livre como sendo o momento do dia de uma pessoa em que ela não se ocupa com nenhuma atividade pré-definida.

Buscar conquistar seu tempo livre para si tem sido atitude natural no trabalhador contemporâneo, na expectativa de tê-lo administrado e vivenciado com liberdade e autonomia.

Compreende-se que o trabalho e o tempo livre se apresentam como protagonistas na construção de uma identidade para o trabalhador contemporâneo, visando provocar uma dialógica no capitalismo e ser capaz de mudar sua realidade vivida.

TEMPO LIVRE

O conceito utilizado para definir o tempo, segundo Whitrow (2005), chama bastante atenção, visto que o tempo é considerado como algo que, independentemente do que esteja ocorrendo ou venha a ocorrer, continua passando e nunca cessa, embora ao ser estudado dê-se conta de que não existe por si só, sendo visto pela ordem mediante a qual os eventos da vida e do mundo passam a existir.

Para Elias (1998), o tempo atualmente é um instrumento extremamente importante e indispensável de orientação para a realização de várias tarefas, constituindo “uma instituição cujo caráter varia conforme o estágio de desenvolvimento atingido pelas sociedades” (p. 15).

Nesse sentido, os indivíduos, ao longo dos anos, vão entendendo os sinais temporais atribuídos pela sociedade ao tempo em que vivem e passam a orientar suas condutas a partir disso. Assim, a representação do tempo de um indivíduo será determinada tanto pelo nível de desenvolvimento das instituições sociais, como também das experiências que o mesmo passou ao longo de sua vida (ELIAS, 1998).

Para Aquino (2008, p. 129), “o tempo livre é, em princípio, compreendido como o tempo liberado do trabalho”. De Masi (2003, p.622), ao falar sobre tempo livre, remete à discussão de “tempo residual”, aquele que resta ao homem após a realização das atividades ou compromissos do trabalho. O autor comenta que a sociedade industrial favoreceu a divisão do tempo livre em três

ramos: *pausa*, consistindo em uma parada para que o trabalhador recupere as suas forças; *necessidade*, de educar os filhos e produzir; e *oportunidade* para gastar, consumir, comprar.

Para Boullón, Molina e Woog (2004, p. 20) o tempo livre

É o que fica depois que se retira do tempo total o dedicado ao trabalho, ao descanso e a outras obrigações secundárias como o desenvolvimento para o trabalho, a higiene pessoal e a realização dos deveres domésticos. Por outro lado, o turismo e a recreação são duas formas distintas de uso do tempo livre.

De Masi (2003), ao comentar Alain Corbin, informa que o tempo do camponês, do artesão e do operário do século XIX não eram controlados, porquanto marcados por imprevistos, momentos recreativos, pela lentidão, flexibilidade e maleabilidade. O mesmo foi substituído pelo tempo controlado, medido, previsto, no qual não há lugar para o tempo para si.

O autor afirma que na atualidade “nada acontece em favor do tempo livre” (DE MASI, 2003, p. 622). Ou seja, a ênfase permanece sobre o trabalho, com o tempo livre compreendido como menos ético e importante do que o tempo para trabalhar. Os gregos acreditavam em uma vida de sentido a partir do momento em que a mesma era vivida com foco na criatividade. Heráclito (apud DE MASI, 2003, p. 630) comenta que “o tempo é uma criança que brinca”, e sua brincadeira deve ser percebida como uma atividade desenvolvida de forma espontânea, a seu bel-prazer, com um fim em si mesma.

Para De Masi (2003) uma das necessidades da nova sociedade – cria da era pós-industrial, que prioriza o novo - é a preocupação acerca de como ocupar o Tempo Livre. Antunes (2002,) observa que, na sociedade atual, o tempo pressiona, exerce coerção ainda que discreta, ao homem, atuando do meio externo para o interno de cada trabalhador por meio dos relógios, calendários e outras tabelas de horários.

Tempo livre e tempo de trabalho são, para Antunes (2002), temáticas importantes na sociabilidade contemporânea. Segundo Grazia Paoletti (apud ANTUNES, 2002), o tempo representa uma forma de controle sobre a vida das pessoas e também se apresenta como meio de organização social e tempo do trabalho. Esse tempo pode ser visto tanto pelo lado quantitativo quanto qualitativo. O tempo acaba sendo controlado e oprimido, na perspectiva do autor, tanto dentro do trabalho quanto na vida.

Aquino e Martins (2008, p. 201) corroboram essa visão ao afirmar que:

O fator temporal passa por metamorfoses significativas, iniciadas no momento em que o homem resolve medir o tempo cotidiano e quantificar o tempo social na sociedade industrial, chegando à comercialização do próprio tempo, que se torna uma mercadoria e passa a ter valor econômico.

Em meio a tudo isso surge para Antunes (2002) a ideia de *pressa*, fenômeno bastante comum na atualidade e mola mestra de todos os avanços tecnológicos e científicos que buscam um alargamento do próprio tempo. No entanto, segundo Honório (2008), a despeito da preponderância do capitalismo do tipo tecnológico, com foco no alargamento do tempo e no aumento do tempo livre, bem como na redução da jornada de trabalho humano, evidencia-se, além da alienação do próprio trabalhador, uma maior automação e divisão do trabalho.

Nesse contexto, ao fazer referência a uma tipologia dos tempos sociais, Munné (1980,) cita quatro tipos fundamentais: o tempo psicobiológico, socioeconômico, sociocultural e livre.

O tempo psicobiológico compreende tanto as necessidades psíquicas como biológicas de cada um individualmente, materializadas em sono, alimentação, atividade sexual, dentre outras. O socioeconômico é o tempo direcionado ao cumprimento das atividades econômicas, representadas pelas atividades laborais, estudantis e domésticas, necessidades pessoais e coletivas, consistindo no heterocondicionado ou, quando destinado à satisfação individual, no autocondicionado.

O tempo sociocultural refere-se à sociabilidade, aos compromissos estabelecidos com a sociedade, podendo ser tanto heterocondicionado como autocondicionado. Por último, o tempo livre é aquele no qual as ações humanas ocorrem e são efetivadas sem demanda externa. A liberdade que o sujeito tem para o seu usufruto é significativa, ditada a partir de sua consciência e criatividade, no entanto, esse tempo que deveria ser livre acaba sendo vendido ou comprado, pois “o consumismo termina por deteriorá-lo, mercantilizá-lo, coisificando-o e empobrecendo-o de significados” (AQUINO; MARTINS, 2008, p. 203).

Beriain (apud CÁRCEL, 2009) comenta sobre o tempo social e informa que ele se caracteriza como sendo o resultado da vida social das pessoas, o conjunto das relações significativas, das tramas significantes, assim como do produto de valores e símbolos que possibilitam o decodificar de ritmos da vida social.

Esse o pilar da contemporaneidade, que faz com que “fenômenos como tempo e trabalho sejam destituídos de seus sentidos genuínos, adquirindo, desta forma, sentidos propostos pelo modelo do já referido pensamento moderno que imprime em tais fenômenos o sentido da necessidade, da produção e consumo” (MARTINS, 2006, p. 157).

Martins (2008), ao fazer referência à potencialização dos sujeitos para a vida, questiona o que farão com seu tempo livre do trabalho quando se aposentarem. Isso porque, na visão do autor, as pessoas irão envelhecer e se aposentar, talvez queiram não trabalhar, podem ser demitidas nessa organização do trabalho existente. O autor demonstra preocupação com as pessoas que somente trabalharam ao longo de suas vidas e não foram preparadas para vivenciar um tempo livre.

Segundo Sousa e Baptista (2013), um dos conceitos modificado com o tempo foi o de velhice, que assume representações diversas para as pessoas que vivenciam esse momento, para o contexto, para o próprio tempo. Afirmam que a velhice nem sempre foi bem-vista na sociedade, porquanto a ela atrelavam-se significados negativos, que provocaram a construção de uma visão da pessoa nessa etapa da existência como um ser de limitações diversas.

Embora esse entendimento perdurasse por alguns anos, o tempo do século XXI produziu outros significados relativos ao envelhecer e à velhice propriamente dita, agora considerada um período em que o sujeito encontra-se ativo e pode utilizá-lo para aprender, desenvolver-se e viver o ócio. Sousa e Baptista (2013) afirmam que aos poucos essa ideia pessimista que envolvia o envelhecer, abrangendo inclusive o abandono dos interesses, se distancia da realidade, visto que é possível a vivência e elaboração de projetos que envolvem qualidade de vida e o desenvolvimento desse ser idoso na contemporaneidade.

O estar aposentado hoje pressupõe que se lance um novo olhar sobre esse idoso, bem como se adquira uma compreensão da utilização do tempo livre advindo da sua liberação e distanciamento do mundo formal do trabalho. Isso porque o rompimento das relações de trabalho tem impacto significativo, ainda que varie de pessoa para pessoa, no contexto global da vida.

A aposentadoria implica bem mais que um simples término de carreira. Para alguns idosos, a interrupção da prática de atividades desenvolvidas durante muitos anos, o rompimento dos vínculos e a troca dos hábitos cotidianos representam imposições de mudança no mundo pessoal e social (ANTUNES, 1997).

ACERCA DA APOSENTADORIA

Para algumas pessoas idosas, a aposentadoria é algo imposto pelo decurso da idade ou por outros motivos, encarada como tempo livre compulsório. Esse pensamento pode ser carregado como um fardo e/ou uma saída obrigatória laboral sem livre eleição (LEITE, 1995)

Mourão e Andrade (2001, p.306) alegam que em uma sociedade na qual o trabalho e a produção são tidos como valores fundamentais, a aposentadoria é frequentemente sentida como a perda do próprio significado da vida, de um ponto de referência na organização do sujeito. Santos (1990, p.51) e Rios e Pontes (2006, p.183) atribuem esse entendimento ao fato de o trabalho determinar horários, atividades, relacionamentos, *status* e reconhecimento social, além do padrão de vida e das relações que esse sujeito vai manter com o tempo livre.

Dessa forma, no cenário da aposentadoria existem duas realidades distintas: a que a considera um evento ideal, algo desejado, almejado, repleto de possibilidades e reelaborações; e a que a aponta como um grande equívoco quando chega a hora.

O fenômeno da aposentadoria pode ser visto sob duas perspectivas: positiva e negativa. Para alguns sujeitos a aposentadoria pode ser a oportunidade da libertação, o fim de uma etapa caracterizada pelo esforço, pelo sacrifício, e a possibilidade de realização das atividades desejadas, de lazer ou chance de descanso, e de desenvolver o estilo de vida desejado (RAMOS; VERAS; KALACHE, 1987, p.15).

Santos (1990) afirma que a aposentadoria é um fenômeno social, biopsicossocial e filosófico, características às quais se acrescentam as dimensões política, econômica, jurídica e antropológica, dentre outras que poderiam ser mencionadas, de modo que a compreensão da trajetória de cada sujeito que passa da condição de trabalhador para a de aposentado requer que se atente para esses diversos fatores. Leite (1995) explica que a aposentadoria é um período em que a pessoa recebe remuneração sem mais trabalhar e não é alvo da desaprovação social.

Estudos revelam que a aposentadoria foi criada na Alemanha, no final do século XIX. Nos países industrializados, os sistemas de aposentadoria foram implantados com o estado de bem-estar social. No início do século XX surgiram teorias sociais que buscavam explicar a necessidade de retirada do trabalhador idoso do processo produtivo, sugerindo, assim, a transferência da velhice para um mundo à parte (DEBERT, 2004, p.10).

A aposentadoria, para León (2000), baliza o ingresso do sujeito em um novo ciclo de vida, que tende a ser, em geral, de muitas mudanças com relação ao período que a antecedia. Nessa fase da vida, novas formas de reinserção no cotidiano são configuradas, considerando-se o maior tempo livre de que se dispõe. A mudança de hábitos, o convívio com a família, são acontecimentos marcantes.

Para Caldas (1992), a oportunidade oferecida pela aposentadoria é de reestruturação da rotina, que pode se configurar menos rígida e passar a ocorrer em um ritmo de vida mais desejado, com elaborações percebidas como livres. Nesse sentido, a razão mais comum da ansiosa expectativa com a chegada da aposentadoria é o ardente desejo de ver-se livre da rotina rígida e do horário infligidos pelo trabalho remunerado.

Complementando, Gonçalves (2006, p. 22) acredita que a aposentadoria pode, sim, ser uma fase excitante e intensa, que proporciona novos desafios, novas e ricas experiências; uma era cheia de oportunidades se para viver uma vida que não se viveu antes. E afirma que essa é a genuína motivação que tanto fez – e faz – aspirar à aposentadoria: a possibilidade de fazer diferente, usar a experiência acumulada ao longo da vida e dedicar-se àquilo que realmente oferece prazer e satisfação.

A aposentadoria em si não é problema para alguns idosos. Na visão de Bosi (1994), trata-se de benefício conquistado historicamente pelos trabalhadores, podendo transformar-se em uma chance para a descoberta ou o retorno ao que se gosta, ou a um fazer menos sacrificado e mais agradável do que o anterior.

Assim, o que entra em questão é a relação que o indivíduo idoso estabeleceu e que poderá vir a estabelecer com a aposentadoria. O modo, particular, com que irá lidar com o movimento de desestruturação e de reestruturação da identidade pessoal que esse período da vida comporta é a grande questão e seu grande diferencial. Essa fase será mais ou menos difícil a depender de como o aposentado organizou sua vida, da importância que atribuiu ao trabalho e de outras questões sociais que construiu (RIOS; PONTES, 2006; ZANELLI; SILVA, 1996).

Para Peres (2007), a aposentadoria pode se apresentar como um tempo de reconstrução, de novos investimentos e de novas descobertas, em que projetos criativos, elaborados a partir da tomada de consciência da sua situação de sujeito socialmente construído, podem lhe oportunizar um novo relacionamento com a vida e o aproveitamento desse tempo livre de que dispõe, a despeito de todas as limitações que lhes são impostas.

Para Veras et al. (1987), ainda nessa perspectiva positiva, a aposentadoria representa maior disponibilidade de tempo físico e psíquico para desfrutar no lazer ou realizar atividades que durante longo tempo foram adiadas ou estiveram adormecidas. A maioria dos profissionais passa a vida sonhando com esse momento, com o dia em que a rotina estressante do escritório será substituída por atividades de lazer, viagens, entre outras. Veras et al. ainda acrescentam que a aposentadoria pode oferecer oportunidades para o desenvolvimento pessoal, tornando possíveis as descobertas de potencialidades, fontes de prazer, maturidades, crescimento.

Por outro lado, Soares et al. (2007) afirmam que, por vezes, a aposentadoria também pode ser algo indesejado. Desse ponto de vista, esse período pode implicar bem mais que um simples término de carreira profissional, ou seja, pode constituir uma ameaça ao *status* e ao vínculo social do sujeito, que pode sentir que desce degraus (FRANÇA; VAUGUHAN, 2008).

Corroborando essa ideia, Daniel e Souza (2006) evidenciam outros aspectos imperdíveis, como a dependência em relação ao sistema previdenciário, a ausência de papéis sociais significativos à ociosidade e a marginalização social, que podem desaguar em anústia e depressão.

Vem permeada de conflitos, em função da centralidade do trabalho na constituição identitária dos trabalhadores, em especial, na sociedade contemporânea, que supervaloriza o ter e a produtividade. Para os autores, o ser humano aposentado pode ser visto como um sujeito que se posiciona na contramão do projeto ideológico do trabalhador ao qual se condicionou durante a maior parte da vida.

Para Santos (1982), essa visão negativa da aposentadoria contribui para que os idosos se autopercebam como inúteis, possibilitando que nele se instale um sentimento de vazio existencial proporcionado pela ruptura com o mundo do trabalho e a perda da identidade laborativa.

Diante desse vazio social que a aposentadoria pode produzir na vida dos idosos, Geis (2003) alerta para a necessidade de se buscar realizar atividades gratificantes que ocupem ao menos uma parte do dia, que ajudem o idoso a superar estados de desânimo e depressão e a sentir-se útil, ativo, servindo-lhe de ponto de referência social, um meio de integração com o grupo.

Gonçalves (2006) ressalta que passado o período de transição entre encantamento e desejo da condição de aposentado, o tédio, atrelado a uma sensação profunda de angústia e depressão, pode começar a rondar a vida do aposentado. É quando o indivíduo se vê sem o sobrenome corporativo e aquela agenda cheia de compromissos começa a lhe fazer falta. Não raro o que se vê é uma nostalgia da correria de antes, já que o vazio passa a fazer parte dessa nova fase. Começa então o grande desafio de descobrir como dotar de significado os anos extras.

Conforme Patarra (1994), as férias e a aposentadoria são dois gatilhos para a angústia que ataca quem não sabe mais viver fora da pressão. Segundo o autor, mesmo em tempos e condições favoráveis para se apropriar do tempo percebido como livre, há um sentimento permanente de que se está perdendo alguma coisa.

Aquino e Martins (2007) expressam a ideia de que não se percebe nenhuma orientação fornecida ao sujeito para ser ou existir em um tempo de nada fazer, o qual não necessariamente representa inação ou inatividade, em que seja possível escolher o que fazer, mesmo que a ação eleita esteja dissociada do utilitarismo e que não acarrete ao homem alguma inquietação por se considerar corrompendo a ordem expressa.

Diante das considerações expostas, visualiza-se um embate entre os ganhos e as perdas oportunizados pela aposentadoria, que cada indivíduo vai significar da sua forma. Nesse sentido, a acepção da aposentadoria pode ser representada mediante a analogia de um pêndulo, que oscila entre o sentido de prêmio e renovação e sentimentos de desesperança e fim (ZANELLI; SILVA, 1996, p.24).

Contudo, o momento da aposentadoria carrega em si um potencial para a problematização da vida, das experiências no tempo, e para o confronto com o próprio amadurecimento. Além disso, se bem preparada e planejada, a aposentadoria pode render possibilidades satisfatórias.

Acerca dessa pedagogia para a aposentadoria, Santos (1982) acredita que o fato de se deixar o mundo do trabalho sem que ocorra qualquer tipo de planejamento ou elaboração, em geral, explica as dúvidas e as angústias que os aposentados experimentam nessa etapa das suas vidas.

Ter tempo livre e não saber o que fazer com ele é um dilema na contemporaneidade. O psicanalista Salis (2004) critica o fato de que o período de tempo livre tenha deixado de ser encarado como tempo para o processo criador. Para o autor é nesse espaço que se constrói uma personalidade e reflete sobre o mundo.

Para Bruns (1997) um passo significativo na passagem para a condição de idoso aposentado é achar o equilíbrio entre estar muito ocupado e ter tempo de sobra. O autor acredita que se vive em uma sociedade em que o tempo é essencial e a percepção dele está associada a níveis de bem-estar subjetivo, desse modo, viver com quantidade e qualidade equilibrada de tempo seria o ideal.

Deve-se considerar que é o trabalho que estrutura o tempo na vida dos sujeitos. As pessoas idosas e aposentadas integram um grupo social e têm em comum, principalmente, o fato de que dedicaram uma grande parte de suas vidas ao trabalho e de que agora passam de um tempo pleno de labor a outro sem aparentes obrigações profissionais. Dessa forma, o tempo sem trabalho é um tempo forte de construções pessoais e relações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aposentadoria marca uma etapa da vida de homens e mulheres ligada, principalmente, ao mundo do trabalho, caracterizando-se, sobretudo, pela interrupção das atividades laborais.

É no tempo livre que nascem as possibilidades do fazer com prazer; no entanto, indivíduos idosos que tiveram a vida adulta regida pelo trabalho/produção e entram em contato com a oportunidade contemporânea de experimentar a maturidade pela via do lazer/prazer num tempo percebido de liberdade, podem entrar em choque.

Explorar a apropriação do tempo livre pelo idoso na sua realidade diária significa buscar entender a heterogeneidade do seu conteúdo, a significação e a importância das atividades, deparando com sentidos, sentimentos, ideias e expectativas, pois a vida cotidiana é a vida do homem inteiro. O valor da informação sobre o uso do tempo reside no fato de que tempo é um recurso fundamental não renovável e igualmente partilhado, pois todos possuem, indistintamente, as mesmas vinte e quatro horas num dia.

Nessa fase da vida, a aposentadoria surge ao mesmo tempo como uma ruptura e uma ponte para um novo cotidiano, implicando uma reorganização do projeto de vida. Nesse processo de extrusão do mundo laboral, eixo central da sociedade moderna, surgem novas atividades no cotidiano do idoso em substituição à atividade profissional.

Assim, a aposentadoria propicia reflexões e análises de questões pertinentes à própria identidade, às expectativas e prioridades para o futuro quanto ao uso do tempo livre. Surge associada

ao acréscimo substancial de tempo liberto de obrigações laborais e revela uma fratura com a vida profissional, representando uma mudança no cotidiano.

Para alguns idosos, esse tempo livre compulsório advindo da aposentadoria pode causar inquietações num primeiro momento, mas pode também significar reelaborações existenciais substantivas. Nesse contexto, o tempo livre compulsório para o idoso pode ser visto sob os aspectos negativo e positivo.

Trata-se de dicotomia ou paradoxo de que se pode valer para contextualizar os respectivos temas aqui abordados e suas consequências na contemporaneidade: o idoso aposentado se vê dotado de muito tempo livre, e num processo normal de adaptação ao novo estágio da vida, tenta se apropriar desse bem, liberado das obrigações laborais, construindo uma ressignificação de suas atividades, seja de repouso, recreação, divertimento, entre outras.

Essa é a hora de crescer emocionalmente, de aproveitar a vida, de dispor da melhor forma possível desse tempo entendido como livre. Viver plenamente o fazer e o lazer é conquista que significa crescimento.

Por outro lado, o trabalho permite que se vivencie de forma mais leve, com menor pressão em seu desenrolar, bem como mostrar a possibilidade de contribuir com novos talentos captados no mercado através de sua experiência e vivência ao longo de uma jornada ainda não conhecida por quem tem um futuro a conquistar e muita garra a ser empregada no dia a dia.

Apontamos aqui como limitação para o trabalho uma dificuldade em estabelecer conexões visíveis através do que seria trabalho, aposentadoria e tempo livre; uma vez que, mesmo sendo conceitos distintos, podem ser entrelaçados e vivenciados, pois isso nos remete ao fato de que em cada fase, mesmo diferente, das nossas vidas, podemos vivenciar cada um dos conceitos aqui apresentados.

Como sugestão para novos trabalhos, apontamos os conceitos de tempo livre, que nos mostra não ser apenas o tempo liberado, mas sim o tempo do qual o imperativo é realizar o que se deseja vivenciar. O trabalho vem carregado de seus significados para vida laboral do sujeito e a aposentadoria nos aponta um caminho que não traduz finitude, mas um recomeço ou uma nova forma de caminhar na vida. Isso possibilita que pesquisadores interessados no tema possam buscar conceitos e sentidos dos mesmos para elaboração de novas perspectivas sobre o assunto abordado.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?!**: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 4. ed.. Campinas: Cortez, 1997.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6. ed. São Paulo: Boitempo, 2002.

AQUINO, C. A. B. de. O tempo como elemento central de análise da relação entre Ócio e Trabalho na Modernidade. In: **Ócio para viver no século XXI**. Fortaleza: As Musas. 2008. p. 125-143.

AQUINO, C.; MARTINS, J. Ócio, Lazer e Tempo Livre na Sociedade do Consumo e do Trabalho. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 2, p. 479-500, 2007.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOULLÓN, Roberto; MOLINA, E. Sergio; WOOG, Manuel Rodriguez. **Um Novo Tempo Livre**: três enfoques teórico-práticos. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BRUNS, M. A. de T.; ABREU, A. S. O envelhecimento: encantos e desencantos da aposentadoria. **Revista da ABOP**, v. 1, n. 1, p. 5-33, 1997.

CALDAS, Célia Pereira. **A produção social da velhice**. Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1992. (Série Estudos em Saúde Coletiva, 29)

CÁRCEL, J. A. R.; BERIAIN, J. **Aceleración y tiranía del presente**: la metamorfosis en las estructuras temporales de la modernidad. *Política y Sociedad*, Vol. 46, p. 305-307, 2009.

CODO, W. Um diagnóstico do trabalho (em busca do prazer). In: TAMAYO, A. J.; ANDRADE, J. E. B.; CODO, W. (org). **Trabalho, organizações e cultura** São Paulo: Cooperativa de Autores Associados, 1996. p. 21-40.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **Fluir**: a Psicologia da experiência ótima: medidas para melhorar a qualidade de vida. Tradução de Marta Amado. Local: Imago, 2002.

DANIEL, C.; SOUZA, M. Modos de subjetivar e de configurar o sofrimento: depressão e modernidade. **Psicologia em Revista**, 12(20), 117-130. 2006.

DE MASI, Domenico. **Criatividade e grupos criativos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e representações sobre a velhice. **Ciência Hoje**, SPBC, v. 8, n. 44, 2004.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1998.

FRANÇA, L. H.,;VAUGHAN, G. Ganhos e perdas na aposentadoria: percepção dos executivos brasileiros e neozelandeses. **Psicologia em Estudo**, 13(2), 207-216. 2008.

FREITAS, M da S. **O tempo livre dos idosos do Conselho de Oliveira do Bairro**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Portugal, 2011.

GEIS, P. P. **Atividades criativas e recursos práticos**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GONÇALVES, R. de C. **A trajetória laboral de homens e mulheres no processo de desligamento das relações de trabalho pela aposentadoria**. 2006. 129 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

HONÓRIO, E. Ócio, Trabalho e Saúde: uma relação de interdependência. In: CABEZA, Manuel Cuenca; MARTINS, J. Clerton (org.). **Ócio para viver no século XXI**. Fortaleza, CE: As musas, 2008. p. 145-158.

LEITE, R. C. B. O. **O idoso dependente em domicílio**. 1995. Xxx p. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995.

LEÓN, L. M. Pensando na qualidade de vida ao aposentar. In: GUIMARÃES, L. A. M.; GRUBITS, S. (org.). **Saúde Mental e Trabalho**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 95-105.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. O tempo de trabalho na experiência do profeta da chuva. In: MARTINS, K. P. H. **Profetas da chuva**. Fortaleza, Ce: Tempo Dimagem, 2006. p. 156-160.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. Educação para o ócio no trabalho: potencializando sujeitos para a vida. In: AUTOR, (org.). **Ócio para viver no século XXI**. Fortaleza: As Musas, p. 219- 248. 2008.

MARX, K. **O capital**. vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

MARX, K. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Tradução de Mário Duayer e Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Boitempo. 2011.

MARX, K. O processo de trabalho e o processo de produzir mais valia. In: MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. Os Economistas. Capítulo V. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Volume II).

MOURÃO, L.; ANDRADE, J. E. B. Significado do trabalho, caminhos percorridos e sinalização de tendências. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (ANPAD), 25., 2001, Salvador/BA. **Anais...** Salvador/BA: ANPAD, 2001. p. 306.

MUNNÉ, F. **Psicosociologia del tiempo libre: Um enfoque crítico**. México, DF, 1980. Trilhas.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. (1984). **The use of epidemiology in the study of the elderly** Geneva: OMS. (Technical Reports Series, 706).

PATARRA, Neide. Transição demográfica, novas evidências, velhos desafios. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 27-37, 1994.

PERES, M. A. C. **Velhice, trabalho e cidadania: as políticas da terceira idade e a resistência dos trabalhadores idosos à exclusão social**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

RAMOS, L. R.; VERAS, R. P.; KALACHE, A. Envelhecimento populacional: uma realidade brasileira. **Rev. Saúde públ.**, São Paulo, v. 21, p. 211-224. 1987.

RIOS, A. M. G.; PONTES, M. I. M. Envelhecimento da mulher: modelos na natureza. In: CORTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. G. (org.). **Envelhecimento e velhice: um guia para a vida**. São Paulo: Vetor, 2006. (Gerontologia, v. 2)

SALIS, Viktor D. **Ócio criador, trabalho e saúde**. São Paulo: Claridade, 2004.

SANTOS, M. F. S. **Velhice, uma nova questão social**. São Paulo: SESC, 1982.

SANTOS, M. F. S. **Identidade e Aposentadoria**. São Paulo: EPU, 1990.

SENNETT, R. **O artífice**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, J. C. Velhos ou idosos. **A terceira idade**, São Paulo, v. 14, n. 26, p. 94-111. jan. 2003.

SOARES, D. H. P. et al. Aposenta-ção: programa de preparação para a aposentadoria. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 13, p. 123-134, 2007.

SOUSA, Jenny Gil; BAPTISTA, Maria Manuel. Ócio e tempo livre na idade adulta avançada: as práticas de animação sociocultural como estratégias de resiliência. In. M. M. Baptista, & J. C. Martins (orgs.). **O Ócio nas culturas contemporâneas: teorias e novas perspectivas em investigação**. Coimbra: Grácio editor, 2013. p. 219- 232.

VERAS, R. P. et al. Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e conseqüências na sociedade. **Rev. Saúde públ.**, São Paulo, v. 21, p. 225-233, 1987.

WHITROW, G. J. **O que é tempo?** Uma visão clássica sobre a natureza do tempo. G.J. Whitrow com introdução de J. T. Fraser e M. P. Soulsby: tradução Maria Ignez Duque estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ZANELLI, J.C.; SILVA, N. **Programa de Preparação para a Aposentadoria**. Florianópolis: Insular, 1996.

Histórico

Submetido em: 17-8-2015

Recebido em: 30-11-2017

Aceito em: 13-6-2018